

BRANCO SOBRE NEGRO, NEGRO SOBRE BRANCO.

Marcos Faccioli Gabriel¹

Resumo: Este trabalho advém de uma série desenvolvida durante a pandemia da covid 19. Naquela ocasião o trabalho evocava uma prisão e não por acaso ficávamos em prisão domiciliar. Hoje, já há um ano e meio o humor mudou e os trabalhos, ainda que assemelhados àqueles, adquiriram uma certa geometria bem-humorada.

Palavras-Chave: desenhos; figura e fundo; contrastes sucessivos.

WHITE ON BLACK, BLACK ON WHITE.

Abstract: This series of works yields out of works developed during covid 19 pandemics. At that time those works called to mind the sense of prison for we were all in home imprisonment, even more us teachers. Now, one and a half years later the mood changed and works like those former now display a rather good-humored geometry.

Keywords: drawings; perceptual closure, successive contrasts.

BLANCO SOBRE NEGRO, NEGRO SOBRE BLANCO.

Resumen: Esta obra surge de un trabajo realizado durante la pandemia del covid 19. En ese momento la obra evocaba una prisión y no era casualidad que estuviéramos bajo arresto domiciliario. Hoy, hace año y medio, el humor ha cambiado y obras similares a éstas han adquirido cierta geometría humorística.

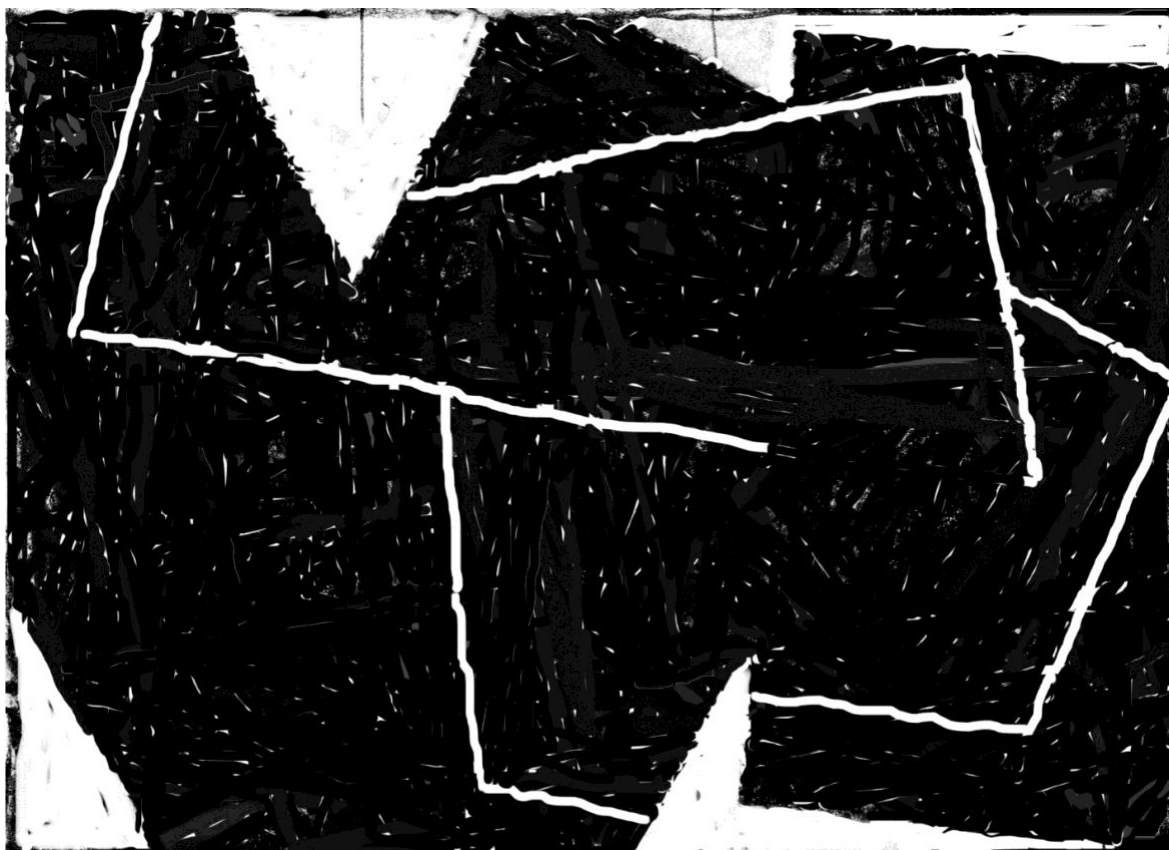
Palabras Clave: dibujos; figura y fondo; contrastes sucesivos.

¹ Marcos Faccioli Gabriel tem Vínculo institucional com a UNESP campus Presidente Prudente; minicurrículo: Doutor pela FAUUSP com a tese “Mário Pedrosa e a arquitetura Brasileira: autonomia e síntese das artes”, Pós-doutor pela FAUUSP com a pesquisa “O estilo da modernidade de Schinkel ao Werkbund”. É professor de estética e de história da arquitetura, tendo um trabalho paralelo em história da arte e teoria das artes visuais, que procura levar tanto em contato com a literatura especializada como quanto às práticas da fotografia, da pintura e da escultura; em parte dessas áreas tem vários trabalhos publicados. Presidente Prudente, São Paulo, Brasil, <http://lattes.cnpq.br/3455055856847252>. <http://orcid.org/0000-0002-0802-0896>. email: marcos.gabriel@unesp.br

Desenvolvi esta linha de trabalhos que ora apresento sobretudo no período da pandemia do Covid 19, que nos obrigou a todos ao isolamento doméstico, sobretudo a nós que somos professores. Na época percebi que esses desenhos feitos no Photoshop, assemelhados a gravuras, se constituíam de áreas escuras sobre um fundo claro, contra o qual figuravam algo análogo a plantas arquitetônicas no interior das quais os traços brancos, muito direcionais, como que se mantinham confinados, sem poder ultrapassar os escuros ou fazendo-o brevemente a serem prontamente reconduzidos ao seu interior. Dei a esses trabalhos o nome coletivo de *O Prisioneiro e a Cella* (GABRIEL, 2021, p. 349-354) que me parecia descrever nossa situação com ironia e um certo matiz político.

Agora, quase dois anos mais tarde, minha atenção a esses trabalhos, tão numerosos que abasteceriam vários ensaios visuais, já se deslocou para um plano mais formal. Mantive o costume de desenhar no Photoshop, pela portabilidade e pela possibilidade de imprimir em diversas escalas. Estes trabalhos lembram um pouco o cubismo e o neoconcretismo, pois tem uma estrutura de formas negras que quase encobrem o fundo branco, como em alguns trabalhos de Helio Oiticica, e uma constância sujeita à variação como em muitos trabalhos de Mira Schendel. Por outro lado, são às vezes levemente figurativos, de um modo um pouco semelhante aos desenhos de Philip Guston. Este grande artista vindo do expressionismo abstrato, abraçou a figuração com um conjunto de figuras sempre recorrentes, como os homenzinhos da Ku Klux Klan e marcas de tortura e crueldade, como membros decepados e guarnecidos de ferraduras ou do que apareciam como instrumentos de tortura, as tampas de latas de lixo; e também membros que não pareciam decepados, mas que pendiam desarticulados de seus próprios corpos. Tudo isso fazia um estranho humor negro apropriado das histórias em quadrinho.

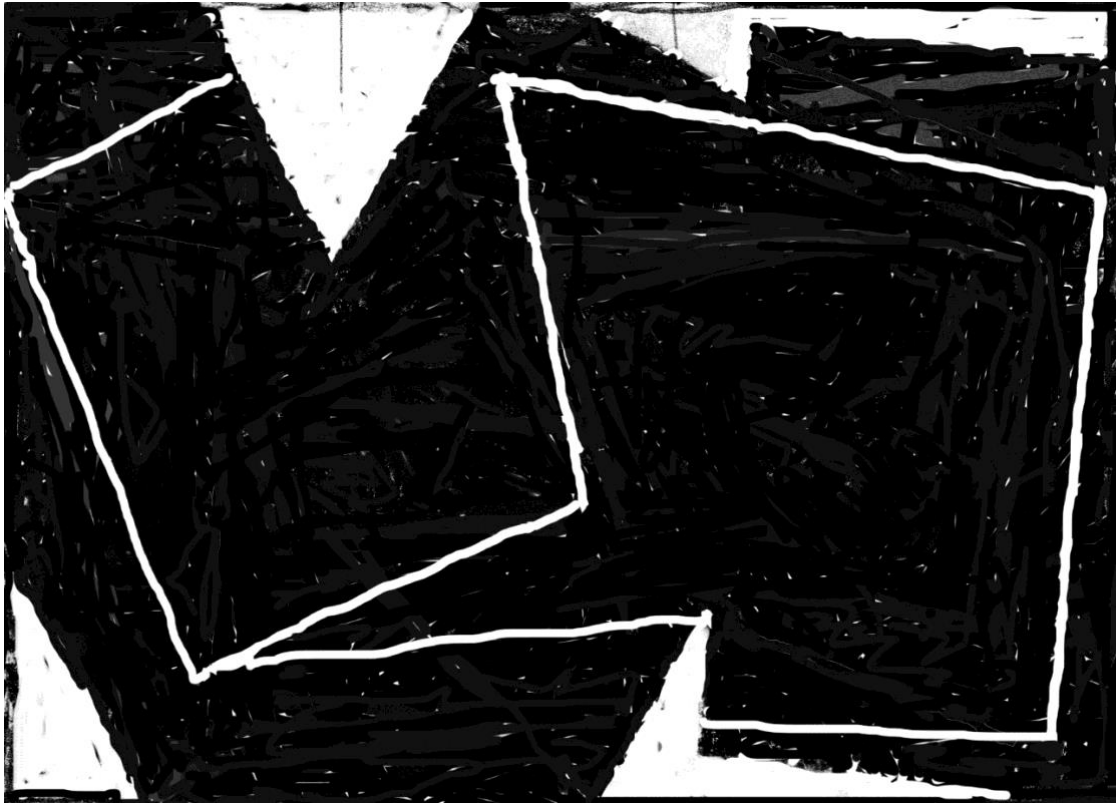
Guardadas as devidas desproporções, nossos desenhos passam da neutralidade construtiva a certo humor, como com figuras desajeitadas de animais submissas à abstração e às forças do campo visual divididos entre o fundo branco e as figuras escuras. Mas se tratam também de figuras enigmáticas, às vezes só por sugerir profundidade através de planos dobrados, mas uma profundidade descontínua e tendente ao achatamento. Desse modo, o sentimento tenso do período da pandemia deu lugar a um pensamento mais reflexivo e mais alegre.



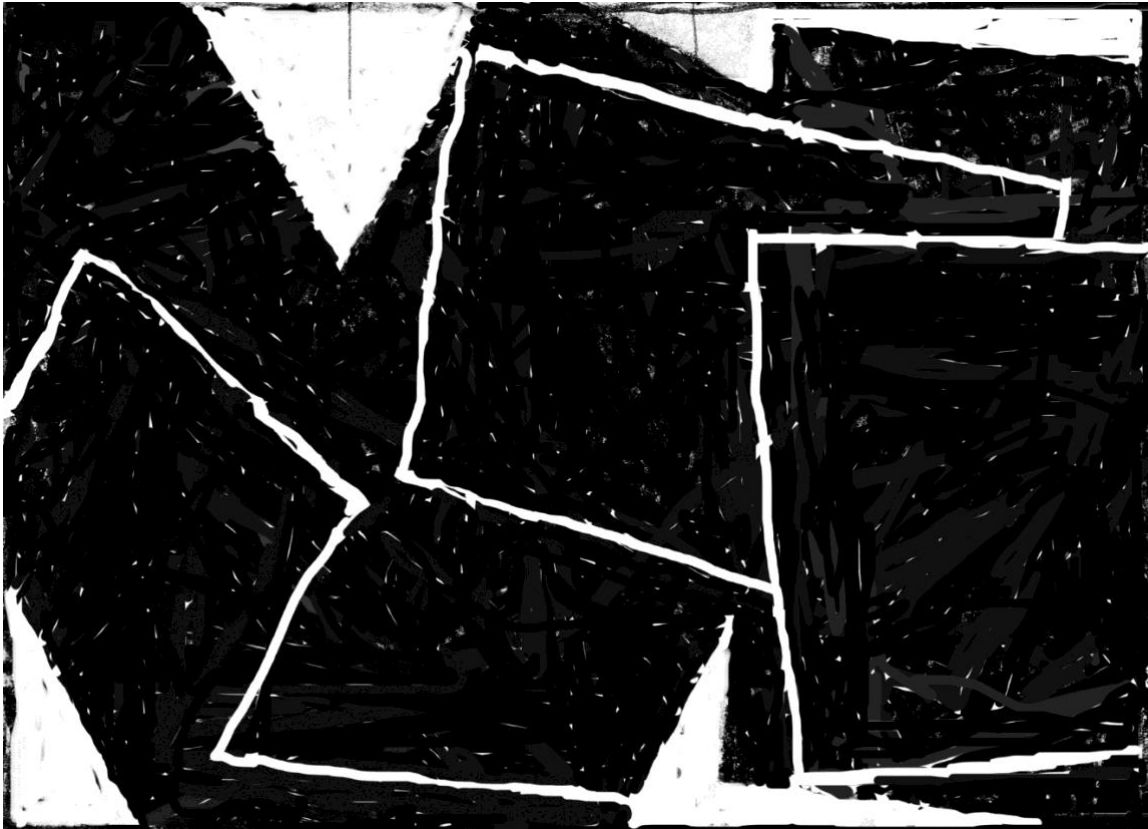
Marcos Gabriel. **Ângulos fluentes**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



Marcos Gabriel. **Bos bison I**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



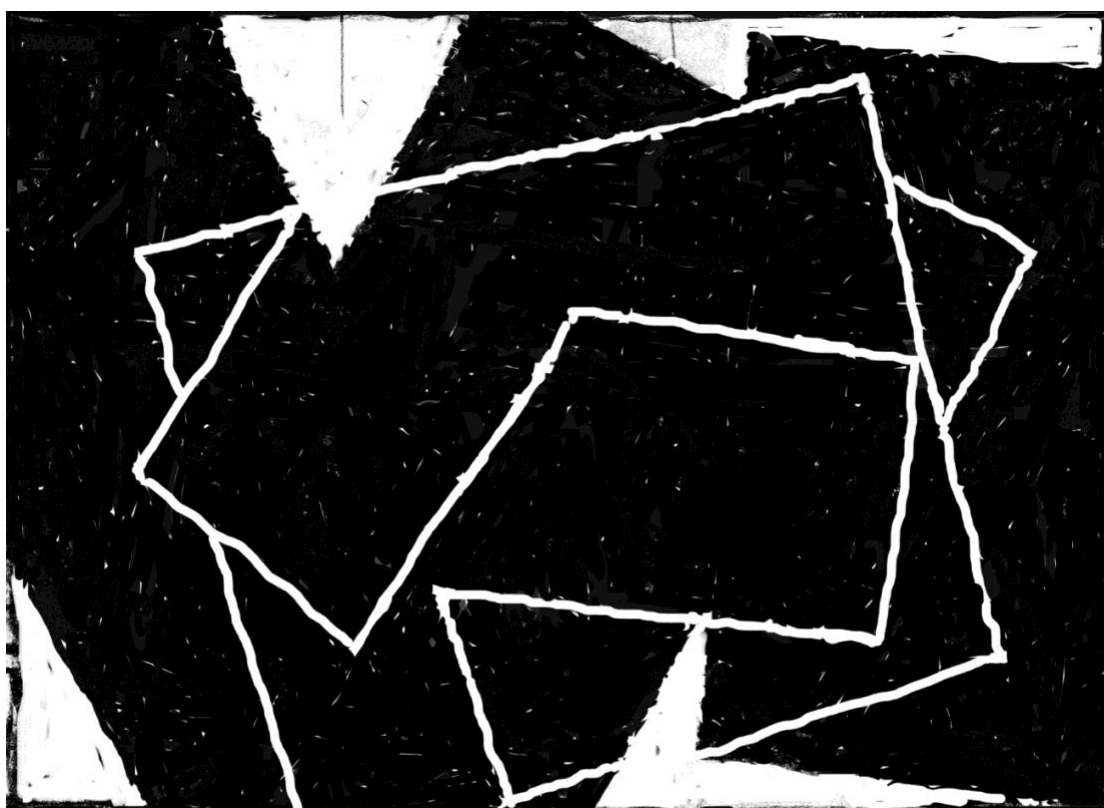
Marcos Gabriel. **Bos bison II**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



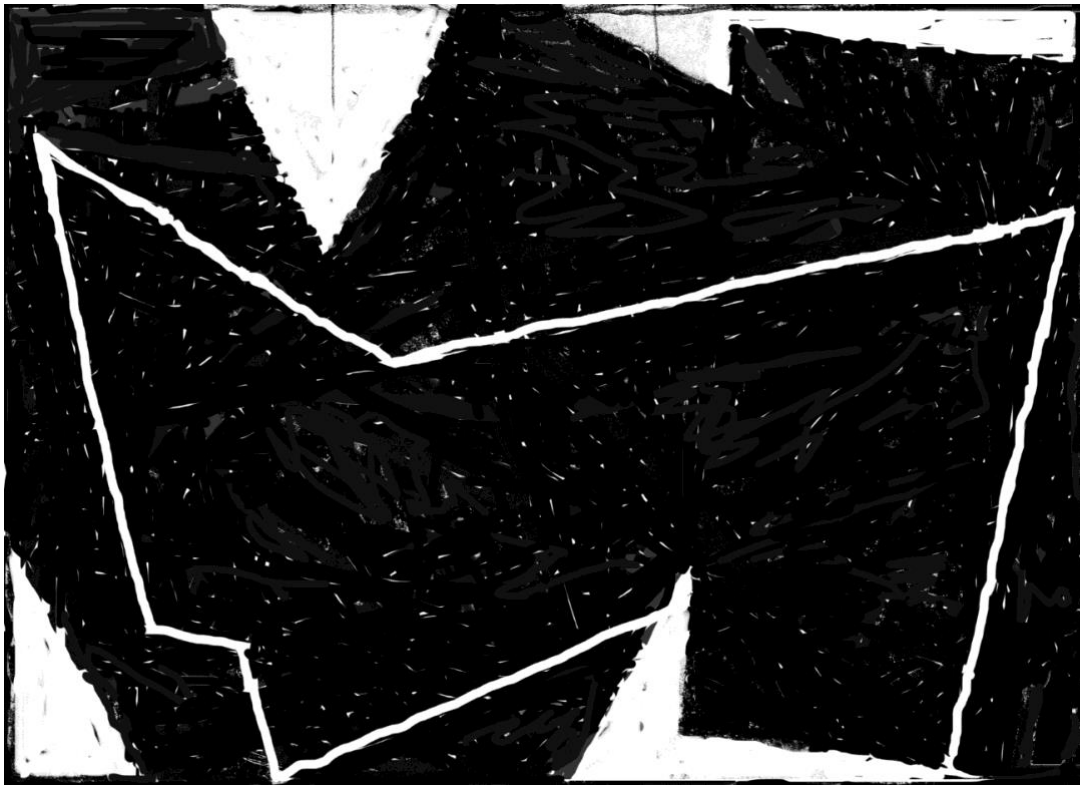
Marcos Gabriel. **Articulações frouxas**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



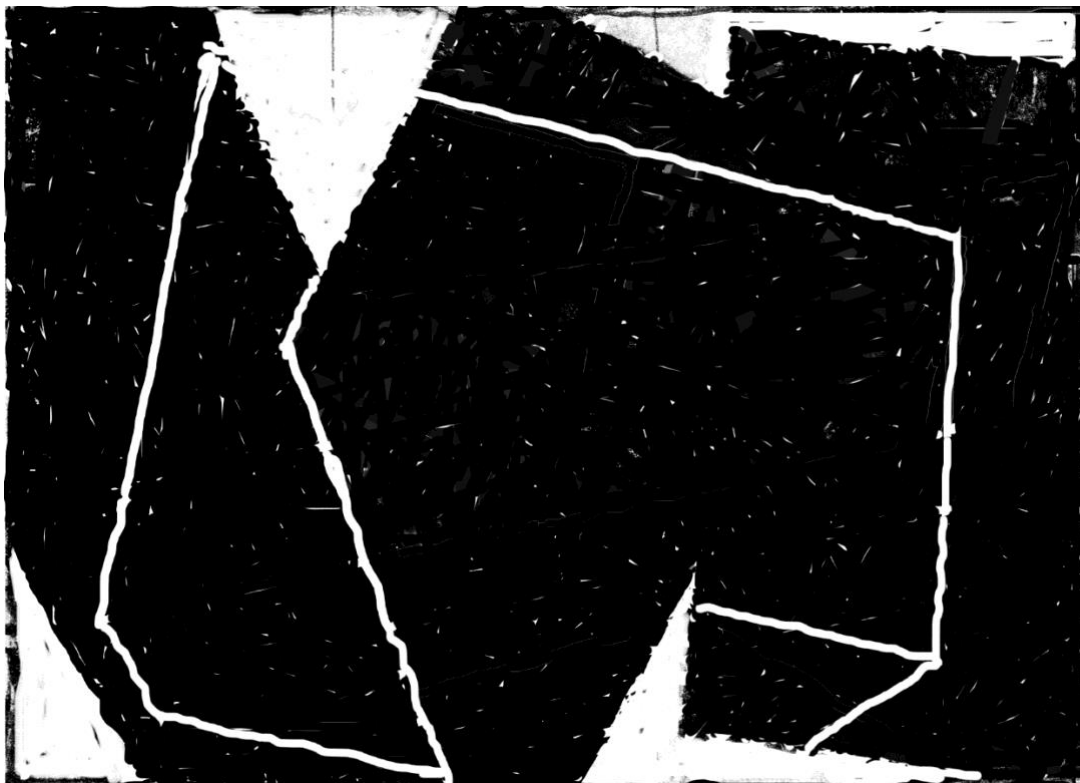
Marcos Gabriel. **Dobra e redobra**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



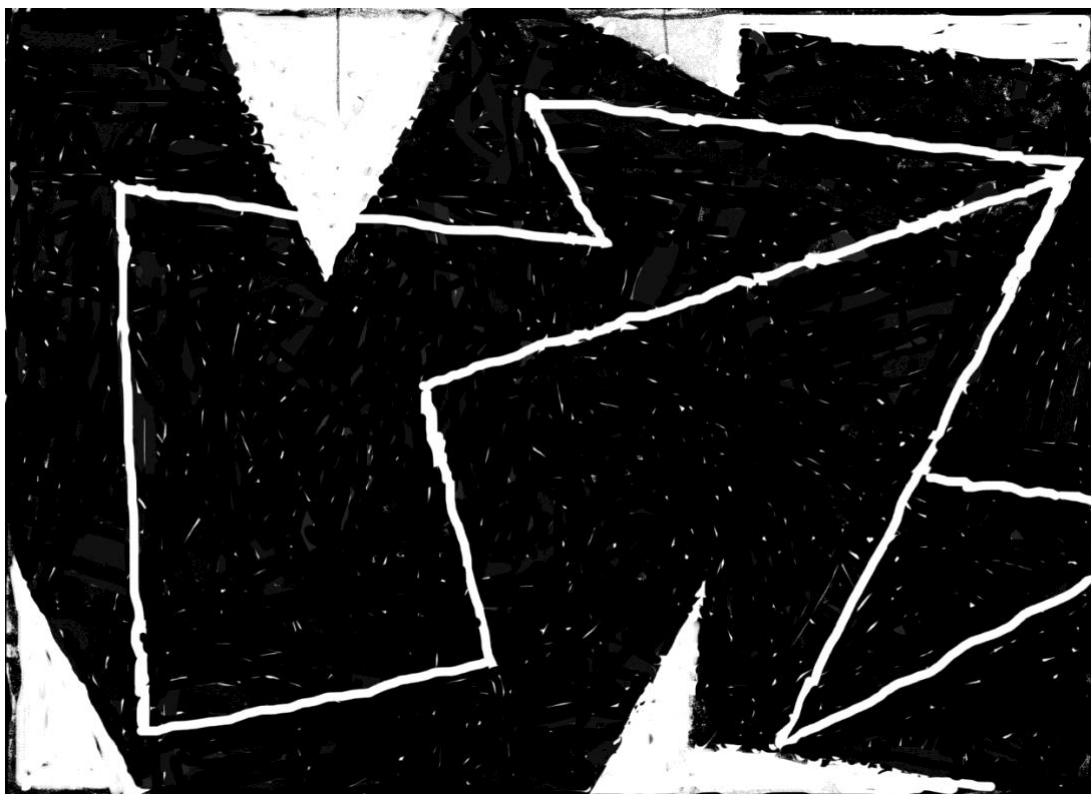
Marcos Gabriel. **Múmia e bandagem**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



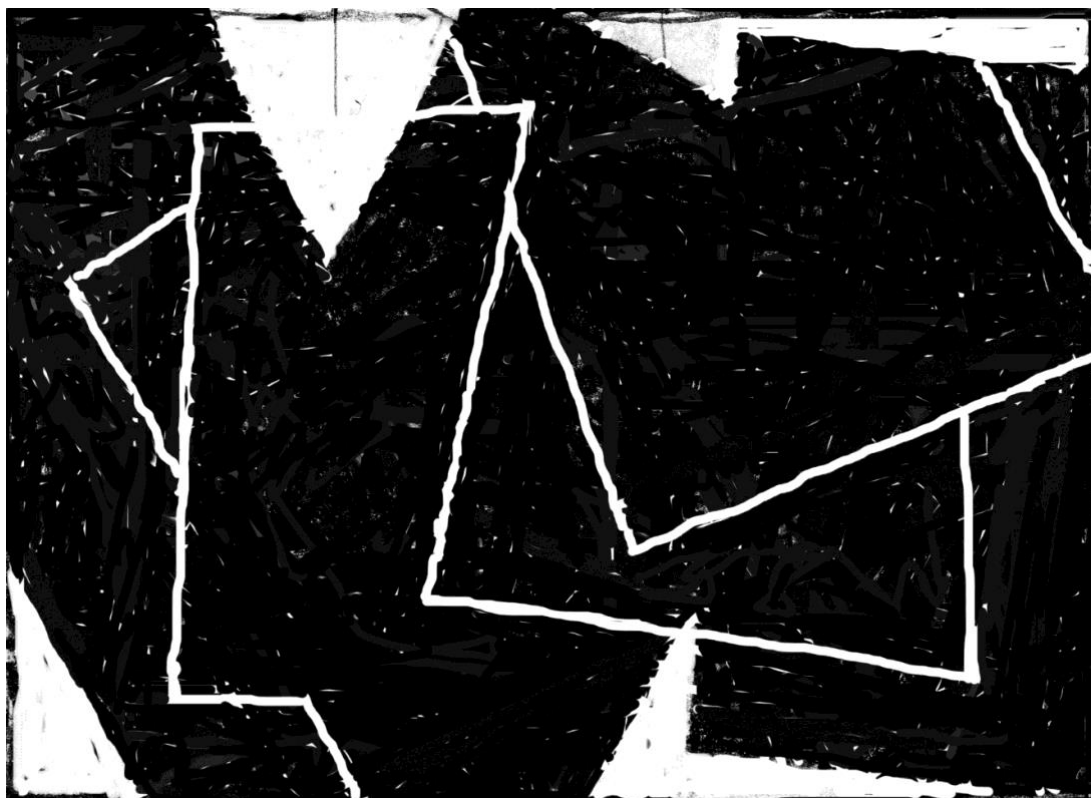
Marcos Gabriel. **Rhinoceros**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



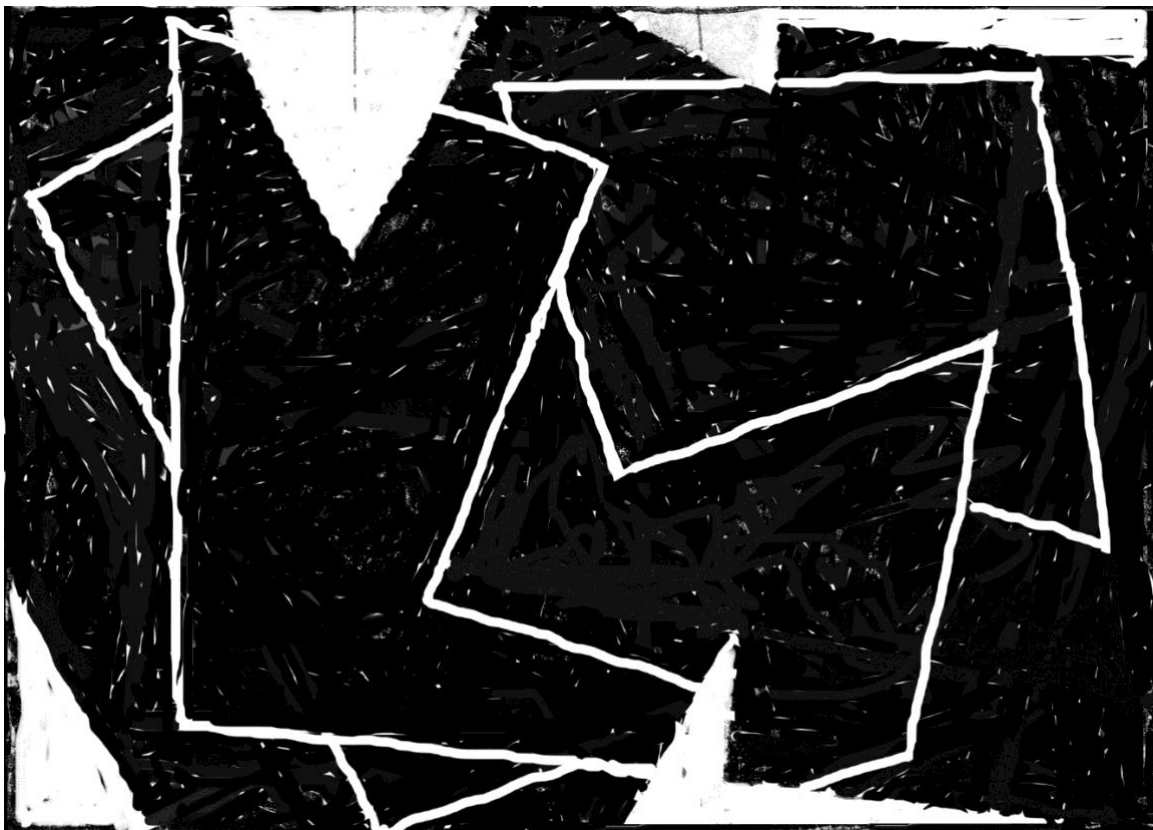
Marcos Gabriel. **Cubo**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



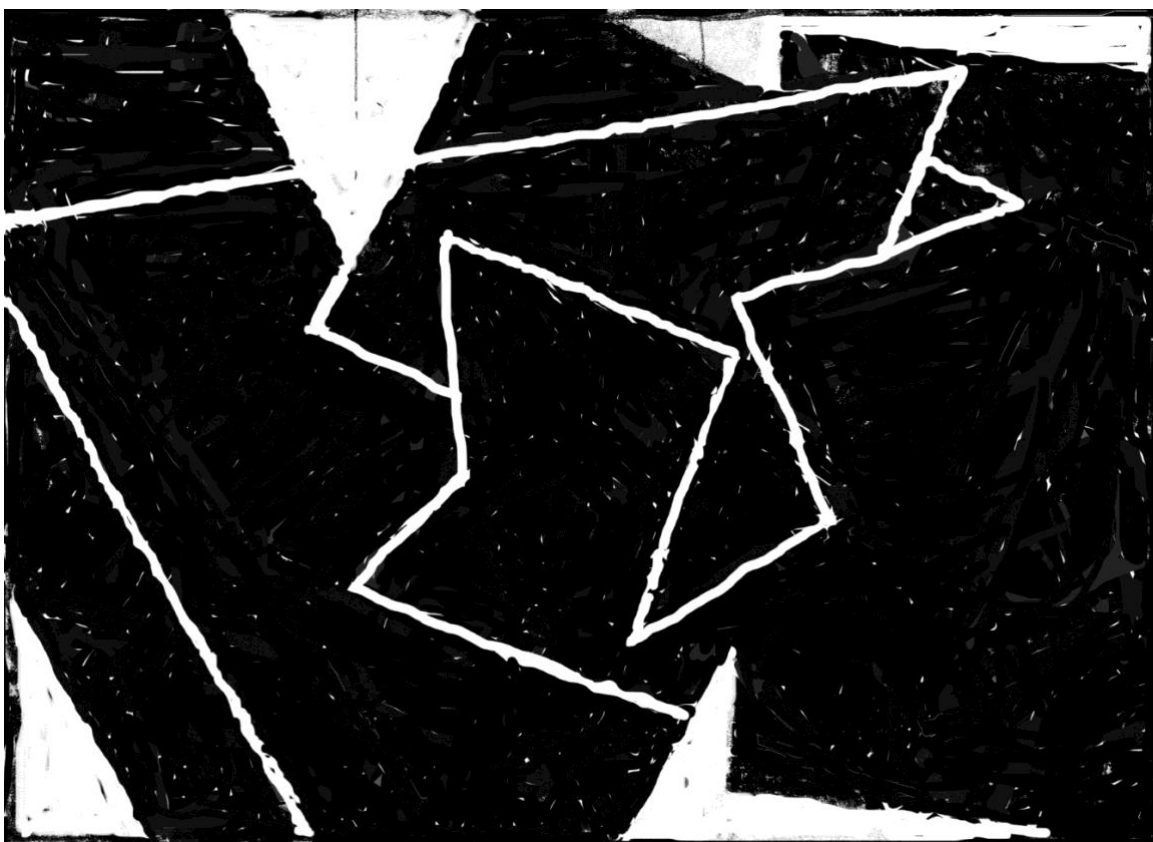
Marcos Gabriel. **Vinco ausente**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



Marcos Gabriel. **Inimigos abraçados I**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



Marcos Gabriel. **Inimigos abraçados II**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.



Marcos Gabriel. **Papagaio na fiação**. Photoshop gravura, coleção do autor, Pres. Prudente, 2023.

Considerações Finais

Todo projeto de pesquisa (CNPq, FAPESP, etc.) tem a mesma estrutura: enunciado do problema, descrição de métodos e materiais com que o enunciado será tratado e, por fim, o modo como os resultados serão interpretados. Trata-se, portanto, de uma receita cujos pressupostos permanecem ocultos, uma vez que já implícitos em cada um dos três passos da pesquisa. Este ocultar preserva e amplia o alcance da ciência moderna em vez de questioná-la.

Uma pesquisa artística, como nesta revista, imita o procedimento standard da pesquisa científica, mas seus passos diferem significativamente por mais que vistam a roupagem da pesquisa científica. Analogamente, neste regime de pesquisa, o filósofo também não tem o tempo de reflexão e exame pelos quais um tema ou um problema vêm ou passa a existir para as consciências. Esse jogo de imitação para viabilizar-se pode tornar-se irônico, pelo menos foi assim que compreendi o que fazia ao levar adiante um trabalho tão serial como este. Vivemos num mundo serializado por imposição generalizada da indústria. Todas as montadoras automobilísticas, por exemplo, vendem uma mesma família de modelos, do menor e mais modesto, ao maior e mais luxuoso; todas elas acrescentam ABS e toda a mesma família de acessório opcionais.

Analogamente, trabalhei com uma estrutura figura e fundo constante e trabalhei com traços por sobre ela, mas não como a pichação ou o *graffiti*, ou outras manifestações agressivas. Em vez disso, através de uma calculada construção busquei agir sobre a estrutura prévia de modo a obter uma nova e divergente estrutura, com novo e divergente sentido.

Referências Bibliográficas

GABRIEL, M. O Prisioneiro e a Cela. *REVISTA NAVA*, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 7 n. 1 (2021): Nava 10: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagem / Universidade Federal de Juiz de Fora. (dez. 2021) - Ensaios Visuais.